

Clarice
Lispector
100
ANOS
entre
outras
artes

Clarice em performance: uma análise da entrevista de 1977

Clarice in performance: an analysis of the Clarice Lispector's interview (1977)

Marcus Mota*
Universidade de Brasília

Recebido em: 16/04/2020

Aceito para publicação em: 15/05/2020

Resumo

Clarice Lispector entrevistou e foi entrevistada várias vezes. Mas a entrevista realizada na TV Cultura em fevereiro de 1977 é especial: a escritora pediu que o registro audiovisual fosse ar apenas após a sua morte, ocorrida dez meses depois. Neste artigo, realizamos uma análise detida da entrevista, enfatizando não apenas as repostas de Clarice às perguntas, como também suas ações não verbais. Por meio dessa análise, pode-se pensar a performance da escritora construindo uma imagem de sua recepção.

Palavras-chave: Teatralidade. Entrevista de 1977. Audiovisualidade.

Abstract

Clarice Lispector interviewed and was interviewed several times. But the interview conducted on TV Cultura in February 1977 is special: the writer asked for the audiovisual record to be aired only after her death, which occurred ten months later. In this article, we conducted a thorough analysis of the interview, emphasizing not only Clarice's responses to the questions but also her non-verbal actions. Through this analysis, one can think of the writer's performance by construction an image of her reception.

Keywords: Clarice Lispector. Theatricality. Interview of 1977. Audiovisuality.

* Professor Associado do Departamento de Artes Cênicas e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGCEN) da Universidade de Brasília.
Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/5312349289996473>>.
ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-4745-8927>>.
E-mail: <marcusmotaunb@gmail.com>.

Introdução

Embora a atividade da escrita literária vincule-se à solidão, ao isolamento, o escritor vive em um mundo, o qual demanda dele, na proporção de seu sucesso, uma maior participação¹. É quase um topos nas recepções críticas: o desdobramento e complementariedade entre a figura pública do autor e sua(s) persona(e) literária(s). Clarice Lispector compreendia muito bem este jogo: sua carreira se inicia dentro do jornalismo, produzindo mais de 5 mil textos e 100 entrevistas². Das redações de jornais como A Noite, Correio da Manhã, Diário da Noite, e Jornal do Brasil, e revistas célebres como Senhor, Manchete, Fatos e Fotos, Clarice Lispector acumulou experiência em interações face-a-face, que buscavam trazer para um público maior o instante, a singularidade do encontro interpessoal³.

Nesses encontros, Clarice foi desenvolvendo uma diferenciada maneira de conceber e produzir o que seria levado à exposição na imprensa. No lugar de um roteiro baseado nas expectativas da notícia (um ‘gancho’, como lançamento de livro, biografia do entrevistado, opinião sobre tema/questão candente), a escritora-entrevistadora surpreendia o entrevistado e o público: a aplicação da dualidade sujeito – objeto da epistemologia clássica à notícia –, dava lugar a Clarice muitas vezes falando de si mesma, a interrogar o entrevistado sobre ‘objetos sutis’, como sensações, nomes, etc.⁴ Era como se estivesse ali elaborando naquele momento um conto.

A partir desses pressupostos é de se compreender o que acontece quando a entrevistada é a própria Clarice. A sua presença na tela possui camadas, apelos e vazios que ainda nos provocam.

A Entrevista

Em declaração sobre o contexto da entrevista com Clarice Lispector, o repórter Júlio Lerner (1939-2007) afirma que não houve muita preparação: Clarice sai de uma mesa-redonda, Lerner a convida para uma entrevista, Clarice aceita e tudo é feito de imediato. O repórter dispõe de apenas 30 minutos. Então tudo começa:

Começa a entrevista. A entrevista avança. Seus olhos azuis-oceânicos revelam solidão e tristeza. Clarice está nua, não há perdão, Clarice agora está encapotada, ela se deixa agarrar, mas logo escapa, e volta, e me pega, e me sugere o longe, o não dizível, depois se cala. E quando nada mais espero, ela volta a falar. Faço uma antientrevista, pausas, silêncios, Clarice agora está fugindo para uma galáxia inabitada e inatingível, mas volta em seguida e, tolerante, suporta toda a minha limitação. (LERNER, 1992, p. 64)⁵.

Em sua descrição, Júlio Lerner define o acontecimento com Clarice como uma ‘antientrevista’. Ou seja, ele não ocupou efetivamente o espaço-tempo da entrevista para explorar essa oportunidade única com a escritora e se viu diante de uma dinâmica atuacional de Clarice, disposta entre seu alheamento silencioso e sua generosidade verbal. O jogo assimétrico produzido situa-se em dois planos e papéis: o experiente e nervoso jornalista tentando seguir protocolos de uma entrevista objetiva, e a consagrada escritora oscilando ironicamente na figura estatuária de diva e de artista em sua poesia autorreflexiva.

Desse modo, a dupla reação de Clarice, como desdém/silêncio e participação no diálogo, coloca diante de nós dois modos de reação, como se estivessem ocorrendo duas entrevistas ao mesmo tempo: a reação a um

¹ Texto escrito em Lisboa, em meio a pesquisas de pós-doutorado sobre som, visualidade e texto. Agradeço às sugestões e amizade nesses duros momentos do colega André Luís Gomes. Agradeço ainda FAP-DF e DPI-UnB pelo suporte para as viagens e pesquisas.

² NUNES, 2006. A primeira entrevista de Clarice Lispector publicada na revista *Diretrizes* em 30 out.1941. Disponível em: <<http://www.grabois.org.br/portal/noticias/141484/2012-01-14/leia-a-primeira-entrevista-de-clarice-lispector>>.

³ Materiais dessas entrevistas reunidos em LISPECTOR (2007; 2012).

⁴ Segundo a pesquisadora Vera Rossi, “a partir da década de 1950, o jornalismo se distancia definitivamente da literatura com a criação de um Manual de Redação e a “importação” de novas técnicas originárias dos Estados Unidos, a exigirem do texto, clareza, objetividade e concisão, e, ocasionarem o anonimato e a impessoalidade das notícias e reportagens” (ROSSI, 2011, p. 35).

⁵ A entrevista foi premiada com Prêmio APCA de melhor entrevista do ano. Foi filmada em 1/2/1977, mas só foi ao ar em 28 dezembro do mesmo ano, após a morte de Clarice Lispector, em 9/10/1977. Essa foi uma das condições de Clarice em se deixar filmar em entrevista pela primeira e última vez. (cf. LERNER, 2008).

modelo objetivista de interação entre entrevistador e entrevistado, e reação ao modelo poético de entrevista. Clarice age de dois modos: cala-se e alheia-se quando a estratégia da entrevista é reduzir o entrevistado a um rol de informações civis; e fala em seu monólogo, quando impõe-se e inverte a relação entrevistado e entrevistador. Em todo caso, é possível acompanhar a estranha música dessas linhas se intercruzando na sucessão de momentos, no contínuo da entrevista.

A Lógica dos momentos⁶

No vídeo disponível no YouTube⁷, a entrevista abre com a breve chamada do programa Panorama, da TV Cultura. Em seguida à chamada, a voz fora do quadro do entrevistador anuncia a imagem poderosa da entrevistada que toma conta de nossa visão: Clarice está entronada em uma poltrona, pernas cruzadas, cigarro na mão direita, cinzeiro ao lado.



Fonte: TV Cultura / YouTube

Enquanto responde à primeira pergunta, sobre a origem de seu nome, a imagem vai fechando em Clarice, eliminando os contornos, produzindo um efeito de aproximação e auratização. Com este enquadramento em plano americano, percebemos mais detalhes da construção da imagem de Clarice: colar de pérolas, formas geométricas do vestido com estampa em poá e ombros com estampa listrada, e a bolsa quase que fundida ao corpo da escritora. Um efeito casual da cena é a paleta homogênea das cores, na relação entre a poltrona, as roupas, a cútis e o cabelo curto de Clarice, isso tudo reforçado pelo envelhecimento mesmo da filmagem. E, é claro, o indefectível cigarro na mão direita

Em diversas ocasiões, Clarice expressou suas ideias sobre a composição visual da mulher. Em um conhecido texto, “A verdadeira elegância”, escrito para a coluna “Só Para Mulheres”, e publicada no antigo Diário da Noite em 15/07/1960, sob o pseudônimo da atriz Ilka Soares, ela aconselha:

Disse alguém que a verdadeira elegância não é sequer notada. Não andemos tão longe. Mas é necessário convir que não é pela atenção que se chama que se pode avaliar elegância. De fato, muitas mulheres creem que, quanto mais joias, mais bela ficarão. Não saber parar de se enfeitar é como não saber parar de comer. Só que, na elegância, a indigestão é dos olhos. (LISPECTOR, 2006, p. 21).

À essa composição visual, temos seu contraponto sonoro: a voz de Clarice. No decorrer da entrevista percebemos uma dicção singular. Em depoimento ao Museu da Imagem e do Som, no ano anterior (20.10.1976), ela responde à pergunta de Affonso Romano de Sant’Anna:

AFFONSO ROMANO DE SANT’ANNA: As pessoas te chamam de estrangeira por causa do sotaque.

CLARICE LISPECTOR: Por causa do ‘erre’. Pensam que é sotaque, mas não é. É língua presa. Poderiam ter cortado, mas é muito difícil, pois é um lugar sempre úmido, então dificilmente cicatrizaria. Agora deixa ficar (LISPECTOR 2005, p. 137).

⁶ Valho de alguns procedimentos de análise videográfica em MOTA, 2020. Para uma outra abordagem da entrevista de 1977 seguindo a análise da conversação (cf. CARVALHO, 2010).

⁷ Disponível em: <<https://www.YouTube.com/watch?v=ohHP112EVnU&t=300s>>.

A questão de dicção é um traço característico da presença e identidade de Clarice Lispector. Em sua palestra “A Literatura de Vanguarda no Brasil”, proferida na Universidade de Texas em 1963, ela assim inicia sua fala: “Bem, tenho que começar por lhes dizer que não sou francesa, esse meu erro é defeito de dicção: simplesmente tenho língua presa. Uma vez esclarecida minha brasilidade, tentarei começar a conversar com vocês” (LISPECTOR 2005, p. 95).

Ainda, esse tema foi alvo de uma crônica sua:

Recebo de vez em quando carta perguntando-me se sou russa ou brasileira, e me rodeiam de mitos. Vou esclarecer de uma vez por todas: não há simplesmente mistério que justifique mitos, lamento muito. E a história é a seguinte: nasci na Ucrânia, terra de meus pais. Nasci numa aldeia chamada Tchechelnik, que não figura no mapa de tão pequena e insignificante. Quando minha mãe estava grávida de mim, meus pais já estavam se encaminhando para os Estados Unidos ou o Brasil, ainda não haviam decidido: pararam em Tchechelnik para eu nascer, e prosseguiram viagem. Cheguei ao Brasil com apenas dois meses de idade. Sou brasileira naturalizada, quando, por uma questão de meses, poderia ser brasileira, nata. Fiz da língua portuguesa a minha vida interior, o meu pensamento mais íntimo, usei-a para palavras de amor. Comecei a escrever pequenos contos logo que me alfabetizaram, e escrevi-os em português, é claro. Criei-me em Recife, e acho que viver no Nordeste ou Norte do Brasil é viver mais intensamente e de perto a verdadeira vida brasileira que lá, no interior, não recebe influência de costumes de outros países. Minhas crendices foram aprendidas em Pernambuco, as comidas que mais gosto são pernambucanas. E através de empregadas, aprendi o rico folclore de lá. Somente na puberdade vim para o Rio com minha família: era a cidade grande e cosmopolita que, no entanto, em breve se tornava para mim brasileira-carioca. Quanto a meus sotaques enrolados, estilo francês, quando falo, e que me dão ar de estrangeira, trata-se apenas de um defeito de dicção: simplesmente não consigo falar de outro jeito (LISPECTOR, 1999, p.151).

De fato, embora Clarice procure esclarecer a questão de sua dicção, o problema foge a seu controle. O registro em vídeo consolida para a posteridade um modo de falar heterogêneo em diversos momentos, uma acumulação de sons de diversos lugares. A aspepsia do julgamento ‘língua presa’ ou anquiloglossia não se coaduna com seus efeitos: por trás da explicação, afloram outras razões, como as tensões em torno de conviver em ambientes multilíngues e reafirmar uma nacionalidade.

Assim, temos a composição visual movida por valores de discreta elegância da mulher moderna defrontando-se com a instabilidade aural das múltiplas vozes de Clarice. Além da singularidade de sua fala, temos a máscara, sua face que se volta para o entrevistador e a qual acessamos lateralmente. Nas palavras do biógrafo Benjamin Moser, a entrevista de 1977 é assim descrita:

A filmagem é difícil de assistir. Com seu famoso olhar penetrante, Clarice encara firme o entrevistador, seu rosto uma máscara quase imóvel. Ela está sentada em uma cadeira de couro, segurando uma grande bolsa branca na mão esquerda e um cigarro Hollywood na mão direita, aceso. Fumando incessantemente no meio de um estúdio cinza gigante, pontuando a entrevista com longos silêncios, ela responde às perguntas em sua voz estranha e inconfundível. The footage is difficult to watch. With her famously penetrating gaze, Clarice stares straight at the interviewer, her face an almost immobile mask. She sits in a drab leather chair, clutching a big white purse in her left hand and a Hollywood cigarette in her right, burned, hand. Smoking incessantly in the middle of a giant gray studio, punctuating the interview with long, pregnant silences, she answers the questions in her strange and unmistakable voice. (MOSER 2009, p. 367).

Essa máscara procura projetar um rosto com poucas alterações, ratificando a opção mais próxima da escultura na construção da figura de Clarice. Há alguns momentos em que ela sorri, um riso contido:

1- Ao responder pergunta sobre seu nome:

JÚLIO LERNER: Clarice Lispector, de onde veio esse Lispector?

CLARICE LISPECTOR: É um nome latino, não é? Eu perguntei a meu pai desde quando havia Lispector na Ucrânia. Ele disse que há gerações e gerações anteriores. Eu suponho que o nome foi rolando, rolando, rolando, perdendo algumas sílabas e foi formando outra coisa que parece “Lis” e “peito”, em latim. É um nome que quando escrevi meu primeiro livro, Sérgio Milliet (eu era completamente desconhecida, é claro) diz assim: ‘Essa escritora de nome desagradável, certamente um pseudônimo...’[SORRISO] Não era, era meu nome mesmo.

2- Ao responder sobre a solidão:

JÚLIO LERNER: A partir de que momento, de acordo com a escritora, o ser humano vai se transformando em triste e solitário?

CLARICE LISPECTOR: [Pausa. Sorriso] Ah, isso é segredo. [Pausa] Desculpe, não vou responder. A qualquer momento da vida, basta um choque um pouco inesperado e isso acontece. Mas eu não sou solitária. Tenho muitos amigos. E só estou triste hoje porque estou cansada. [Pausa] No geral sou alegre. [Longa pausa].



Fonte: TV Cultura / YouTube

Complementar a essa pausa, no mesmo contexto, temos o desligamento do olhar quanto ao entrevistador: Clarice ensimesmada, refugia-se da câmara voltando-se para si. Assim, no espaço de segundos há nuances entre a solaridade radiosa do sorriso e a compenetração silenciosa e alheia ao mundo.

Essas emoções e máscaras não se definem apenas ao conteúdo das falas. Além dos afetos suscitados pela lembrança de eventos, temos a reação mesma ao dispositivo fílmico: enquanto é filmada, Clarice é observada pelos que estão no estúdio e observa-os também. Na transcrição da entrevista que segue em anexo, estão registrados momentos em que há uma interligação entre o jogo de aproximação e distanciamento entre a câmera e Clarice. Ela pode perceber tanto o movimento horizontal, pela mão do cameraman, quanto o vertical de foco, no ajuste das lentes. Este jogo de esconde-esconde está registrado na transcrição. Um dos momentos bem relevantes do vídeo é a expressão de ódio e indignação de Clarice. O contexto da entrevista é o seguinte:

JÚLIO LERNER

Entre seus diversos trabalhos existe um filho predileto. Qual aquele que você vê com maior carinho até hoje?

CLARICE LISPECTOR

‘O ovo e a galinha’, que é um mistério para mim. Uma coisa que eu escrevi sobre um bandido, um criminoso chamado Mineirinho, [com raiva] que morreu com treze balas quando uma só bastava. E que era devoto de São Jorge e que tinha uma namorada. [grifo nosso].



Fonte: TV Cultura / YouTube

Para contraste, mais ao fim da entrevista, quando ela pronuncia a palavra ‘raiva’, embora a máscara crie por alguns segundos um instantâneo de agressividade e o fluxo da conversação anulam essa perspectiva. Temos a fera, mas ela não está ali:



Fonte: TV Cultura / YouTube

Eis o contexto verbal dessa imagem:

“JÚLIO LERNER [O plano volta a se fechar em close em Clarice]: Isso acontece ainda agora de você produzir alguma coisa e rasgar?

CLARICE LISPECTOR: Eu deixo de lado ou ra[], não, eu rasgo sim.

JÚLIO LERNER: É produto de reflexão ou uma

CLARICE LISPECTOR [Sobreposição]

JÚLIO LERNER: Raiva... emoção?

CLARICE LISPECTOR: um pouco de raiva.

JÚLIO LERNER: Com quem?

CLARICE LISPECTOR: Comigo mesma.

JÚLIO LERNER: Por quê, Clarice?

CLARICE LISPECTOR: Sei lá, tô meio cansada.

Esse cansaço físico e metafísico, que pontuam grande parte de construção da recepção da imagem de Clarice, redundam na recorrente audiocena que vai encerrando a entrevista: ela se desligando da entrevista, a mexer em um ruidoso e vazio maço de cigarros:



Fonte: TV Cultura / YouTube

Concluindo

De modo perspicaz, Clarice Lispector interpretou a complementariedade entre escritura e encenação: “Mas acho que todo escritor é um ator inato. Em primeiro lugar ele representa profundamente o papel de si mesmo. Escritor é uma pessoa que se cansa muito, e que termina com um pouco de náusea de si, já que o contato íntimo consigo próprio é por força prolongado demais” (LISPECTOR 2004, p. 50).

A citação acima reúne diversos elementos da construção de parte da imagem pública final de Clarice Lispector, nesse testamento videográfico. A teatralidade minimalista da entrevista de 1977 projeta alguns vetores interpretativos que contribuirão para reforçar certos motivos de sua recepção.

Em primeiro lugar, é importante notar a relação mesma com o próprio ato da entrevista, ou de ser entrevistada. Tanto em suas palavras quanto em seus atos, por diversas vezes Clarice age contra a situação que a entrevista filmada que coloca: uma delimitação de sua presença, uma definição monológica de quem é e do que faz. Mas esse antagonismo cede ao protagonismo: desviando do foco, ela é caçada pela câmera e atira o espectador em virtude de gestos, falas e faces. Afinal, não vemos, mas ela se defronta com o aparato da filmagem, com o dispositivo. Ela tem diante de si uma primeira plateia, composta pelo entrevistador e técnicos do estúdio, entre outros. É impossível ficar invisível. Então, cala-se algumas vezes, para fazer soar o tempo de seus pensamentos ou para não dizer o que está pensando. Ou olha para o lado, para baixo, para tanto desligar-se dessa audiência, quanto para a incitar. Acima de tudo, ela decidiu estar ali, tem um microfone em seu peito, e suspende o cigarro como tantos outros antes dela o fizeram nas telas e no vídeo (Imagem 4).

Em segundo lugar, seguindo uma lógica de acumulações, podemos compreender este vídeo como um espaço-tempo de convergências, de pontos de chegada e partida, como se vê abaixo:



Fonte: LADI-UnB

Durante o diálogo, eventos da biografia de Clarice são retomados e as os revive ali na audiovisualidade da cena. Na transcrição ficam registradas suas reações a fatos e feitos de um passado que não cessa de ser reatualizado. A entrevista em vídeo mesma, depois de finalizada e distribuída, torna-se essa antologia em looping de momentos da vida. Desse modo, a recusada entrevista em vídeo é um adiamento com uma versão dela própria. Ela como narradora tenta intervir na narrativa de sua existência. E intervém de várias maneiras – com recusas, negações, silêncios. Mas também com declarações, gestos e olhares. Mesmo que ela reaja contra a entrevista e o registro audiovisual, ela está ali, presa nessa densa estratigrafia multissensorial. Ao mesmo tempo presa e livre.

O fato de se poder mostrar o vídeo apenas após sua morte não seria uma tentativa de tentar superar o impacto dessa obra em sons e imagens sobre uma narradora que se valia da escrita e da imaginação de seus leitores, de uma escritora cada vez mais inserida nas experiências na abertura formar seus textos, na fronteira entre ensaio, artes plásticas, literatura, música e cinema?

O adiado vídeo é finito e infinito ao mesmo tempo. Tem um tempo de duração e está ali no acabamento de suas imagens e sons captados. Mas, quanto mais nos interrogamos sobre as relações entre escrita e existência a partir de Clarice, mais vemos que o produto fechado se abre em todas as direções. O eixo do tempo deixa de ser linear. Tal superação da linearidade é pré-condição para uma compreensão mais produtiva da Entrevista de 1977. Se assim não o for, as reiteradas afirmações sobre o cansaço serão interpretadas em dois extremos: como uma doença física já demonstrando seus efeitos, como uma doença na alma remoendo sua aflição.

Qualquer decisão interpretativa que se torne a partir deste vídeo acarretará a projeção de alguma ideia ou imagem de Clarice na posteridade. De qualquer forma, a escritora em performance ainda tem muito a nos dizer e mostrar. Para tanto, termino este artigo-homenagem com uma outra imagem dela:



Fonte: GOTLIB, 2013, p. 249.

A legenda da foto enuncia: “Raro flagrante de Clarice Sorrindo”. Que possamos olhar para essa imagem, para a entrevista, para os textos de Clarice, e, para além da dor e do prazer, encontrar a nós mesmos, e uma vida mais ampla, rica, complexa. É o que me faz retornar a ler e escrever sobre Clarice depois de tantos anos.

Referências

- CARVALHO, Márcio Marconato. O Último Encontro com Clarice. *Ângulo*, n.121/122, p. 109-120, 2010.
- FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice Fotobiografia*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, EDUSP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2013.
- LERNER, Júlio. A última entrevista de Clarice Lispector. *Revista Shalom*, n. 296, p. 62-69, 1992.
- _____. *Clarice Lispector, essa desconhecida*. São Paulo: Via Lettera, 2008.
- LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.
- _____. *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- _____. *Clarice Lispector. Entrevistas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- _____. *Clarice na cabeceira- Jornalismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- _____. *Correio Feminino*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- _____. Traduzir procurando não trair. *Revista Jóia*, Rio de Janeiro, n. 177, mai. 1968. In: GOMES, André Luís. Entre espelhos e interferências: a problemática da tradução para Clarice Lispector. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 7, p. 39-52, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49784>>. Acesso 30 03 2020.
- _____. The Last Interview. Translation: Benjamin Moser. *Music & Literatura*, n. 4, 20,2014. Disponível em: <<https://www.musicandliterature.org/excerpts/2014/3/19/the-last-interview>>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- MOTA, Marcus. *Dramaturgia. Conceitos, Exercícios e Análises*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018.
- MOTA, Marcus. Kandinsky em Performance: Análise de cena do documentário Schaffende Hände (1926), de Hans Cürllis. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ARTE E TECNOLOGIA, 18., 2019. *Anais eletrônicos...* Brasília: MEDIA LAB/BR, 2019, p. 1319-1324.
- NUNES, Aparecida. *Clarice Lispector Jornalista*. São Paulo: Editora SENAC, 2006.
- OLIVEIRA, Helena. A última entrevista de Clarice Lispector. *Revista Bula*, s/d. Disponível em: <https://www.revistabula.com/503-a-ultima-entrevista-de-clarice-lispector>>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- ROSEMBLAUM, Yudith. A ética na literatura: leitura de "Mineirinho", de Clarice Lispector. *Estudos Avançados*, p. 24, p. 169-182, 2010.
- ROSSI, Vera. *Diálogos Possíveis com Clarice Lispector. As Entrevistas de uma Escritora Jornalista*. Dissertação de Mestrado, PUC - São Paulo, 2006.
- _____. *As Tramas de Um Diálogo: relações intersubjetivas nas entrevistas de Clarice Lispector*. Tese, PUC-São Paulo, 2011.
- SOUSA, Carlos Mendes de. *Clarice Lispector: Pinturas*. Rio de Janeiro, Rocco, 2013.
- _____. *Clarice Lispector. Figuras da Escrita*. Braga: Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, 2000.
- STEIMATSKY, Noa. *The Face on Film*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

ANEXO

Transcrição da entrevista de Clarice Lispector a JÚLIO LERNER. PROGRAMA PANORAMA – TV Cultura – 1 fev. 1977⁸

{Após o crédito, vemos Clarice Lispector no centro da imagem. Ela está sentada em uma grande poltrona de couro. Ao seu lado direito, um grande cinzeiro vertical. Ela segura um cigarro aceso. Ainda, ela está de pernas cruzadas, sandálias vermelhas nos pés, colar de pérolas no pescoço, vestido em poá com ombros em estampa listrada no corpo, e relógio no braço, e bolsa junto de si na poltrona. O entrevistador faz suas perguntas fora de campo de nossa visão}

JÚLIO LERNER: Clarice Lispector, de onde vem esse... Lispector?

CLARICE LISPECTOR: *{movendo o cigarro para o cinzeiro}*⁹ Eu não sei, eu perguntei, é um nome latino, não é? E... eu perguntei a meu pai... desde quando havia Lispector na... na Ucrânia. Ele disse que *{movendo a mão esquerda, em um giro para trás}* de gerações e gerações anteriores. Eu suponho que ele, *{movendo a mão direita que porta o cigarro em conexão com a direita, ambas em giro}* que o nome foi rolando, rolando, rolando, perdendo algumas sílabas, e se transformando *{rápido movimento mão direita cigarro no cinzeiro}* nessa coisa que é *{mão esquerda perto do coração}* parece uma coisa "Lis no peito", em latim. Flor de Lis. Quer dizer, é uma, é um nome que... *{fechamento devagar para plano médio}* que quando aparece *{}*¹⁰, quando escrevi meu primeiro livro, Sérgio Milliet – *{Sobe e desce o ombro direito}* eu era então completamente desconhecida, é claro - Sérgio Milliet diz assim: *{estabilização da filmagem em plano médio americano}* "Essa escritora de nome desagradável *{olha firme na direção do entrevistador}*, certamente um pseudônimo..." E não era, era meu nome mesmo *{Sorriso. Leva o cigarro ao cinzeiro. Ela vai ficar apagando o cigarro no cinzeiro até a fala 'diplomata brasileiro'}*.

JÚLIO LERNER: Você chegou a conhecer o Sergio Milliet pessoalmente?

CLARICE LISPECTOR: Nunca *{voltando a face. Meneia a cabeça, como sincronizando com a negativa 'Nunca'}*. Aproximação da filmagem para close}. Porque eu publiquei o meu livro e fui embora do Brasil pra viajar, porque eu me casei com um diplomata brasileiro, de modo que eu não conheci qua*{...}*¹¹ as pessoas que escreveram sobre mim eu não co*{.}*, eu não conheci.

JÚLIO LERNER: Clarice, seu pai fazia o que profissionalmente?

CLARICE LISPECTOR: Representação de firmas, coisas assim. Quando ele, na verdade dava era pra *{pausa}* coisas de espírito.

JÚLIO LERNER: Há alguém na família Lispector que chegou a escrever alguma coisa?

⁸ Nesta transcrição, procuramos conservar o fluxo das falas, inserindo em chaves { } informações sobre o não verbal – movimentos de Clarice e da câmara – e sobre o verbal – interrupções, etc. Não corrigimos o que foi pronunciado. Inserimos pontuação para marcar questões sintáticas e ‘textualizar’ as falas. Comentário sobre transcrição de filmes/vídeos como exercício de dramaturgia em MOTA, 2018.

⁹ Esse é um movimento regular captado pela filmagem. Ao mover o cigarro para o cinzeiro, para jogar as cinzas, ela tira o olhar do entrevistador e da câmara.

¹⁰ Corta o fim da sílaba da palavra ‘apareceu’.

¹¹ Palavra engolida na fala. Seria ‘quase’? Ela emite a primeira sílaba ‘qua’, que estão em tonicidade e maior altura. Então melodia cai, após um ornamento, e o som torna-se gutural.

CLARICE LISPECTOR: *{erguendo os olhos, para lembrar}* Bom, eu soube ultimamente, pra minha enorme surpresa, que minha mãe escrevia. Não publicava, mas escrevia. Eu tenho uma irmã, Elisa Lispector, que escreve romances. E tenho uma irmã, chamada Tânia Kaufman, que escreve livros técnicos.

JÚLIO LERNER: Você chegou a ler as coisas que sua mãe escreveu? *{Rápido afastamento, do close para o plano médio}*

CLARICE LISPECTOR: Não, *{levanta braço esquerdo}* eu só soube há poucos meses.

JÚLIO LERNER: Mas não teve condições de ...

CLARICE LISPECTOR: *{interrompendo}*
{Ambos os braços abertos} Não... soube através de uma, de uma tia: "Sabe que sua mãe fazia um diário e escrevia poesias?" Eu fiquei boba.

JÚLIO LERNER: Em diversas entrevistas que você tem concedido, surge, quase que necessariamente, a pergunta de como você começou, quando?

CLARICE LISPECTOR: *{Sobreposição de falas}* Eu comecei desde sempre.

JÚLIO LERNER: Isso é mais do que conhecido...

CLARICE LISPECTOR: *{Sobreposição de falas}* Eu sei

JÚLIO LERNER: ...você começou aos sete anos de idade...

JÚLIO LERNER: Antes dos sete anos eu já fabulava, já inventava histórias, por exemplo, eu inventei uma história que não acabava nunca. *{Pausa}*. É muito complicado para explicar essa história como era. Mas quando eu comecei a ler e escrever comecei a escrever também. Pequenas histórias.

JÚLIO LERNER: Quando a jovem, a praticamente adolescente Clarice Lispector, descobre que realmente é a literatura aquele campo de criação humana que mais a atrai, a jovem Clarice tem algum objetivo específico ou apenas escrever, sem determinar um tipo de público?

CLARICE LISPECTOR: *{menea a cabeça antes de falar}* Apenas escrever.

JÚLIO LERNER: *{enquanto fala, o plano se abre, até conter Clarice com seus braços abertos sobre a poltrona}* Você poderia nos dar uma ideia do que era a produção da adolescente Clarice Lispector?

CLARICE LISPECTOR: Caótica. Intensa. Inteiramente fora da realidade... da vida.

JÚLIO LERNER: Desse período você se lembra do nome de alguma produção?

CLARICE LISPECTOR: Bom, eu escrevi um... várias coisas antes de publicar meu primeiro livro. Eu já escrevia pra revistas - contos, jornais. Eu ia com uma timidez enorme, mas uma timidez de ousada. Eu era, sou tímida e ousada ao mesmo tempo. Chegava lá nas revistas e dizia: 'Eu tenho um conto, o senhor quer publicar?' Aí me lembro que uma vez foi o Raimundo Magalhães Jr. que olhou, leu um pedaço, olhou pra mim e disse: 'Você copiou isso de quem?' Eu disse: 'De ninguém, é meu'. Ele disse: 'Você traduziu?' Eu disse: 'Não'. Ele disse: 'Então eu vou publicar'. Era sim, era nessa base.

JÚLIO LERNER: Você publicava essas obras em quais publicações?

CLARICE LISPECTOR: *{Movimento da câmara para Close. Clarice baixa os olhos}* Ah, não me lembro... Jornais, revistas.

JÚLIO LERNER: Clarice, a partir de qual momento você efetivamente decide assumir...

CLARICE LISPECTOR: *{interrompendo, sobrepondo falas}* Eu nunca assumi.

JÚLIO LERNER: ... a carreira de escritora?

CLARICE LISPECTOR: *{ergue os olhos e fita o entrevistador}* Eu nunca assumi.

JÚLIO LERNER: Por quê?

CLARICE LISPECTOR: Eu não sou uma profissional, eu só escrevo quando eu quero. *{Pausa}* Eu sou uma amadora e faço questão de continuar sendo amadora. Profissional é aquele que... tem uma obrigação consigo mesma, consigo mesmo de escrever. Ou então com o outro, em relação ao outro. Agora eu ... faço questão de não ser uma profissional, pra manter minha liberdade.

JÚLIO LERNER: É...a sua produção ocorre com frequência ou você tem períodos de produzir...

CLARICE LISPECTOR: *{interrompendo, sobreposição de falas}* Tenho períodos

JÚLIO LERNER: ...intensamente?

CLARICE LISPECTOR: ...tenho períodos de produzir intensamente e tenho períodos hiatos, em que a vida fica intolerável.

JÚLIO LERNER: E esses hiatos são longos ou não?

CLARICE LISPECTOR: Depende. *{Plano abre, Clarice de braços abertos sobre a poltrona}* Podem ser longos e eu, eu vegeto nesse período... *{Usa a mão esquerda para acompanhar a explicação}* ou então, pra me salvar, me lanço logo noutra coisa, como por exemplo eu acabei a novela, tô meio oca, então tô fazendo histórias pra criança...

{Sobreposição de falas} **CLARICE LISPECTOR:** ...livro infantil

JÚLIO LERNER: Como que você explique, explica a Clarice Lispector...

JÚLIO LERNER: ...voltada para a literatura infantil?

CLARICE LISPECTOR: Eu não sei, começou com meu filho... com meu filho quando ele tinha seis anos de idade, seis não...cinco, me ordenando ...pra que eu escrevesse uma história pra ele. Eu escrevi. Depois guardei e nunca mais liguei. Até que me pediram um livro infantil. Eu disse que não tinha. Disse que, inteiramente esquecido daquilo. Era tão pouco literatura pra mim, eu não queria usar isso pra publicar nada - era pro meu filho. *{Plano fecha para close}* Mas aí lembrei: 'bom, tenho, sim'. Então foi publicado. Eu tenho três livros de literatura infantil e tô fazendo o quarto agora.

JÚLIO LERNER: É mais difícil você se comunicar com o adulto ou com a criança?

CLARICE LISPECTOR: *{menea a cabeça, para, e pensa um pouco antes de responder}* Quando eu me comunico com criança *{Pausa}* é fácil porque sou muito maternal. Quando eu comunico com adulto na verdade tô me comunicando com o mais secreto de mim mesma, aí é difícil, não é?

JÚLIO LERNER: O adulto é sempre solitário?

CLARICE LISPECTOR: O adulto é triste e solitário.

JÚLIO LERNER: E a criança?

CLARICE LISPECTOR: A criança *{encolhida breve de ombros. Pausa}* tem a fantasia não é, solta.

JÚLIO LERNER: A partir de que momento, *{Plano abre, Clarice de braços abertos sobre a poltrona}* de acordo com a escritora, o ser humano vai se transformando em triste e solitário?

CLARICE LISPECTOR: *{respira um pouco mais fundo. Sorri}* Ah, isso é segredo *{Pausa. Olha para baixo. Seriedade}*. Desculpe, não vou responder *{Pausa}*. A qualquer momento da vida, basta um... um choque... um pouco inesperado ... e isso acontece. Mas eu não sou solitária, não: tenho muitos amigos. *{Pausa}* E só tô triste hoje porque estou cansada. De modo geral sou alegre. *{Olhar para baixo. Pausa longa}*

{Corte na filmagem. Placa de serviço. Ao voltar a imagem, a câmera foi postada ao lado esquerdo de Clarice, deslocando a distribuição dos objetos e da entrevistada mais para o lado esquerdo do observador. No retorno, o movimento de câmara nos coloca às costas do entrevistador e vai se aproximando de Clarice, em plano americano}

JÚLIO LERNER: Rilke, em seu *Cartas a um jovem poeta*, respondendo a uma das missivas, perguntava ao jovem que pretendia se tornar escritor ‘Se você não pudesse mais escrever, você morreria?’ *{Movimento de close em Clarice}* A mesma pergunta eu transfiro a você.

CLARICE LISPECTOR: Eu acho que enquanto não escrevo eu tô morta.

JÚLIO LERNER: Esse período?

CLARICE LISPECTOR: É muito duro, período entre um trabalho e outro, e ao mesmo tempo é necessário pra haver uma espécie de esvaziamento da, da cabeça pra poder nascer alguma outra coisa, se nascer. É tudo tão incerto...

JÚLIO LERNER: Clarice, mas como é que você escreve seus, seus trabalhos? Existe algum horário específico?

CLARICE LISPECTOR: Não *{}* em geral de manhã cedo né...são as minhas horas preferidas, são as da manhã.

JÚLIO LERNER: *{Sobreposição}* Você acorda a...

CLARICE LISPECTOR: ...da madrugada

JÚLIO LERNER: ...que horas?

CLARICE LISPECTOR: Quatro e meia, cinco horas eu acordo... Fico fumando, tomando café, sozinha, sem... nenhuma interferência. Quando estou escrevendo alguma coisa, eu anoto a qualquer hora do dia ou da

noite, coisas que me vêm. O que se chama inspiração, não é? Agora quando tô no ato de concatenar as in}, as inspirações, aí sou obrigada a trabalhar diariamente.

JÚLIO LERNER: *{enquanto pergunta, plano abre}* Você se considera uma escritora popular?

CLARICE LISPECTOR: Não.

JÚLIO LERNER: Por qual razão?

CLARICE LISPECTOR: *{Uso da mão esquerda como apoio à explicação}* Bom, me chamam até de hermética, como é que eu posso ser popular sendo hermética?

JÚLIO LERNER: E como você vê esta observação que nós colocamos entre aspas: “hermética”?

CLARICE LISPECTOR: *{meneando a cabeça}* Eu me compreendo. De modo que não sou hermética pra mim. *{Levanta a mão para indicar}* Bom, tem um conto meu que não compreendo muito bem.

JÚLIO LERNER: Que conto?

CLARICE LISPECTOR: ‘O ovo e a galinha’.

JÚLIO LERNER: Entre seus diversos trabalhos sempre existe, isso é natural, um filho predileto. *{Movimento do plano de close em Clarice}* Qual aquele que você vê com maior carinho até hoje?

CLARICE LISPECTOR: *{olhar ensimesmado, pensando}*. *{Pausa}* ‘O ovo e a galinha’, que é um mistério pra mim. Uma coisa que eu escrevi sobre um bandido, sobre um criminoso chamado Mineirinho... *{raiva indignada, olhar firme ao entrevistador}* que morreu com **treze** balas quando uma só bastava. E que era devoto de São Jorge e que tinha uma namorada, que me deu uma revolta enorme, *{olhar ensimesmado}* escrevi isso.

JÚLIO LERNER: *{Movimento para plano aberto novamente}*. Sobre esse seu trabalho em torno de Mineirinho, qual o enfoque você deu?

CLARICE LISPECTOR: Eu não me lembro muito bem, já foi há bastante tempo. *{Usa as duas mãos para recitar trecho do texto}* Há qualquer coisa assim como "o primeiro tiro me espanta, o segundo tiro não sei o quê, o terceiro tiro coisa, o décimo segundo me atinge, o décimo terceiro sou eu..." *{Pausa}* Eu era, eu me transformei no Mineirinho, massacrado pela polícia. Qualquer que tivesse sido o crime dele, uma bala bastava: o resto era vontade de matar. *{Pausa}* Era prepotência.

JÚLIO LERNER: *{Movimento do plano para close na mão esquerda de Clarice}* Em que medida o trabalho de Clarice Lispector no caso específico de Mineirinho pode alterar a ordem das coisas?

CLARICE LISPECTOR: Não altera em nada. *{Plano move-se horizontalmente da mão de Clarice para incluir seu rosto}*. Não altera em nada. Eu... escrevo sem esperança que o que eu escrevo altere qualquer coisa. *{Baixa os olhos para ver o fósforo para acender um cigarro}*. Não altera nada.

JÚLIO LERNER: *{enquanto o entrevistador fala, Clarice pega o cigarro, põe na boca e o acende}* Então por que continuar escrevendo, Clarice?

CLARICE LISPECTOR: *{fala com o cigarro sendo aceso}* E eu sei?*{Pausa}* Porque no fundo a gente não é, não tá querendo alterar as coisas. A gente está querendo *{gesto mão direita, que está com o cigarro e sopra,*

como ar pra fora dos pulmões} desabrochar de um modo ou de outro, não é? *{Ela se posiciona apoiada com a mão direita na cabeça, o cigarro entre os dedos}*

JÚLIO LERNER: No seu entender, qual é o papel do escritor brasileiro hoje em dia?

CLARICE LISPECTOR: De falar o menos possível. *{Pausa}*

JÚLIO LERNER: Você tem mantido contato com outros escritores brasileiros?

CLARICE LISPECTOR: *{meneia a cabeça em assentimento}* Eventualmente.

JÚLIO LERNER: E mesmo, acredito, latino-americanos.

CLARICE LISPECTOR: Latino-americanos.

JÚLIO LERNER: Quais aqueles que você acredita serem os mais significativos desse tempo atual?

CLARICE LISPECTOR: *{joga as cinzas no cinzeiro}* Eu prefiro não citar nomes porque eu vou esquecer alguns e vai, vai ofender, vai ferir. Assim, eu não cito ninguém.

JÚLIO LERNER: *{Sobreposição de falas}* Mas aquele que a toque mais de perto...

CLARICE LISPECTOR: Eu prefiro não falar nada...

JÚLIO LERNER: ...que lhe diga mais intensamente.

{Corte na filmagem. Placa de serviço. Clarice com um cigarro na mão direita}.

JÚLIO LERNER: Antes de nos encontrarmos aqui no estúdio você me dizia que está começando um novo trabalho agora, uma novela.

CLARICE LISPECTOR: *{cinzas no cinzeiro}* Não, eu acabei a novela.

JÚLIO LERNER: Que novela é essa, Clarice?

CLARICE LISPECTOR: É a história de uma {...} de uma moça {...} tão pobre que {...} só comia cachorro-quente. A história não é isso só não, a história é de uma inocência pisada, de uma miséria {...} anônima. *{Pausa}*

JÚLIO LERNER: O cenário dessa novela é...

CLARICE LISPECTOR: *{interrompendo, olha para o cigarro/cinzeiro}* É Rio de Janeiro, mas o personagem é, é nordestino, é de Alagoas *{Pausa}*

JÚLIO LERNER: *{quando começa a falar, Clarice fuma e volta a olhar para o entrevistador}* Onde você foi buscar dentro de si mesma...

CLARICE LISPECTOR: Eu morei em Recife, eu morei no Nordeste, eu me criei no Nordeste. E depois, no Rio de Janeiro tem uma feira de nordestinos no Campo de São Cristóvão e uma vez eu fui lá. E peguei o ar do ... meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro. Daí começou a nascer a ideia de um... depois eu fui a uma cartomante e imaginei... Ela disse várias coisas boas que iam acontecer e imaginei, quando tomei o táxi de

volta, que seria muito engraçado se um táxi me pegasse, me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido todas aquelas coisas boas. Então daí foi nascendo também a trama da história.

JÚLIO LERNER: Qual o nome da heroína da novela?

CLARICE LISPECTOR: *{meneia a cabeça negativamente sorri}* Não quero dizer. É segredo *{breve sorriso}*.

JÚLIO LERNER: E o nome da novela, você poderia revelar?

CLARICE LISPECTOR: Treze nomes, treze títulos

JÚLIO LERNER: *{enquanto fala, plano vai abrindo até incluir o entrevistador, de costa para nó}*
Você entra em contato, eu acredito que com frequência, com os jovens estudantes universitários?

CLARICE LISPECTOR: De vez em quando me procuram, mas eles têm muito, assim, medo de me atrapalhar. Eles têm muito medo de, de que eu não receba...

JÚLIO LERNER: Por qual razão?

CLARICE LISPECTOR: Eu não sei, não sei por quê

JÚLIO LERNER: *{sobreposição de falas}* Mas aqueles que conseguem ou...

CLARICE LISPECTOR: Aí...

JÚLIO LERNER: ...romper a timidez.

CLARICE LISPECTOR: ...ficam perfeitamente à vontade comigo *{Plano fecha rápido em close em Clarice}* e tomam café comigo e entram na minha casa e eu recebo como, como amigo.

JÚLIO LERNER: Normalmente o contato do jovem estudante com você revela que tipo de preocupação?

CLARICE LISPECTOR: Revela coisas surpreendentes, que eles estão na minha...

JÚLIO LERNER: O que significa 'estar na sua'?

CLARICE LISPECTOR: É que eu pensava, penso às vezes que eu estou isolada e quando eu vejo eu tô, tô tendo universitários, gente muito jovem, que tá completamente ao meu lado. 'Aí me espanta e é gratificante, não é?'

JÚLIO LERNER: É... nós ouvimos com frequência de que as novas gerações pouco leem no Brasil. Você confirma isso?

CLARICE LISPECTOR: Bom, os universitários são obrigados a ler porque impõem a ele a obra. Agora, não tô a par dos outros.

JÚLIO LERNER: *{plano abre, para incluir Clarice sentada com os braços na poltrona}* De seus trabalhos qual aquele que você acredita que mais atinja o público jovem?

CLARICE LISPECTOR: Depende, depende inteiramente. Por exemplo, o meu livro *A paixão segundo G.H.*, um professor de português do Pedro II veio lá em casa e disse que leu quatro vezes o livro e não sabe do que

se trata. No dia seguinte uma jovem de dezessete anos, universitária, disse que este é o livro de cabeceira dela. *{Pausa}* Quer dizer: não dá para entender.

JÚLIO LERNER: E isso acontece em relação a outros de seus trabalhos?

CLARICE LISPECTOR: Também em relação aos outros trabalhos

JÚLIO LERNER: *{interrompendo. Justaposição}* Qual que você se lembra agora?

CLARICE LISPECTOR: Ou toca ou não toca. *{Junta as mãos no colo}* Ou, quer dizer, suponho que me entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato. Tanto que o professor de português e literatura, que era, deveria ser o mais apto a me entender, não me entendia... E a moça de dezessete anos lia e relia o livro. *{Pausa}* Parece que eu ganho na releitura, não é? O que é um alívio.

JÚLIO LERNER: *{enquanto pergunta, plano se move em close em Clarice}* Você acredita que esta dificuldade é própria para apenas algumas camadas de nosso tempo e com novas gerações ela será entendida de imediato, ou continuará...

CLARICE LISPECTOR: *{interrompendo. Meneando negativamente a cabeça}* Ah não tenho a menor ideia... não tenho a menor ideia. Eu sei que antes ninguém me entendia e agora me entendem

JÚLIO LERNER: A que você atribui isso?

CLARICE LISPECTOR: Eu acho que tudo mudou, porque eu não mudei não *{Pausa}*

JÚLIO LERNER: *{Sobreposição}* O que teria mudado, Clarice...?

CLARICE LISPECTOR: Eu não, que saiba eu não fiz concessões...

JÚLIO LERNER: Mas o que teria mudado nas pessoas que as levassem a compreender seu trabalho?

CLARICE LISPECTOR: *{ênfatisando a resposta com a mão esquerda}* Eu realmente não sei, é uma pergunta que eu faço a você porque eu não sei responder.

JÚLIO LERNER: Você discute muito com a Clarice Lispector escritora?

CLARICE LISPECTOR: *{meneia a cabeça negativamente, seguindo a sua fala}* Não. Eu me deixo ser.

JÚLIO LERNER: E convivem em paz?

CLARICE LISPECTOR: *{duplica negações com a cabeça}* Às vezes não em paz, mas...

JÚLIO LERNER: *{interrompendo}* Normalmente, que tipo de problema Clarice Lispector escritora traz a você?

CLARICE LISPECTOR: Às vezes o fato de me considerar escritora me isola.

JÚLIO LERNER: Por qual razão?

CLARICE LISPECTOR: Me põe um rótulo.

JÚLIO LERNER: E você acredita que as pessoas olham para você...

CLARICE LISPECTOR: *{sobreposição}* Às vezes...

JÚLIO LERNER: ...através desse rótulo?

CLARICE LISPECTOR: ...às vezes através desse rótulo. Tudo o que eu digo, a maior bobagem, então é considerada como ou uma coisa linda ou uma coisa boba, tudo na base de *esc{}*, de ser escritora. É por isso que não ligo muito essa coisa de ser escritora e dar entrevistas e tudo. É porque eu não sou isso.

JÚLIO LERNER: Se essa é a tendência do público, qual você acredita que deva ser o perfil médio de seu leitor?

CLARICE LISPECTOR: Sabe que eu não sei...

JÚLIO LERNER: Você não tem ideia?

CLARICE LISPECTOR: Não.

JÚLIO LERNER: Cê acredita que uma pessoa vá a uma livraria especificamente comprar um livro de Clarice Lispector?

CLARICE LISPECTOR: Parece que isso acontece... Eu sei porque às vezes me telefonam e me perguntam em que livraria encontram meu livro. Então eu sei as pessoas, que têm pessoas que vão procurar exatamente o meu livro. *{Pausa. Plano abre, para novamente englobar Clarice na poltrona. Ela fala coçando a mão direita com a mão esquerda}*. É que no fundo eu escrevo muito simples, sabe?

JÚLIO LERNER: E será que as coisas simples hoje são recebidas de maneira complicada?

CLARICE LISPECTOR: *{Assentimento com a cabeça. Ainda coça a mão direita}* Talvez... talvez, mas eu escrevo simples. *{Pausa}* Eu não enfeito. *{Pausa}*

JÚLIO LERNER: *{enquanto ele fala, Clarice tira um cigarro do pacote com a marca Hollywood}* Na sua formação como escritora quais aqueles escritores que você sente que realmente influenciaram, que marcaram?

CLARICE LISPECTOR: *{meneando a cabeça em negativa}* Eu não sei realmente porque misturei tudo. Eu lia livro... romance de, pra, pra mocinha, livro cor-de-rosa...

JÚLIO LERNER:*{Sobreposição}* Folhetim.

CLARICE LISPECTOR: ... misturada com Dostoievski. Eu escolhia *pe{}*, os livros pelos títulos *{Pausa}* e não pelos autores que eu não tinha conhecimento nenhum- misturei tudo. *{Pausa}* Fui ler aos treze anos Hermann Hesse, tomei um choque - *O lobo na estepe*, ou *da estepe*, não sei. Aí comecei a escrever um conto que não acabava nunca mais. Terminei rasgando e jogando fora. *{Pausa. Ela pega o pacote de cigarros e mexe com ele, sem tirar nada dele. O som do pacote mexido atravessa o resto da entrevista. Muitas vezes ela está com o olhar baixo, foco no pacote de cigarros mexido}*

JÚLIO LERNER: *{O plano volta a se fechar em close em Clarice}* Isso acontece ainda agora de você produzir alguma coisa e rasgar?

CLARICE LISPECTOR: Eu deixo de lado ou ra{}, não, eu rasgo sim.

JÚLIO LERNER: É produto de reflexão ou uma...

CLARICE LISPECTOR: *{Sobreposição}* Raiva...

JÚLIO LERNER: ...emoção?

CLARICE LISPECTOR: ...um pouco de raiva.

JÚLIO LERNER: Com quem?

CLARICE LISPECTOR: Comigo mesma.

JÚLIO LERNER: Por que, Clarice?

CLARICE LISPECTOR: Sei lá, tô meio cansada.

JÚLIO LERNER: Do quê?

CLARICE LISPECTOR: De mim mesma. *{Pausa}*

JÚLIO LERNER: *{enquanto fala, a câmera treme tentando foco mais aproximado em Clarice}*
Mas você não renasce e se renova a cada trabalho novo?

CLARICE LISPECTOR: *{respirando fundo. Olhos ainda no pacote de cigarros}* Bom, agora eu morri. *{Ergue os olhos na direção do entrevistador}* Mas vamos ver se eu renasço de novo. Por enquanto eu estou morta *{Pausa. Plano abre rápido}* Tô falando do meu túmulo. *{Terminada filmagem com Clarice mexendo no pacote de cigarros e inclusão do entrevistador sentado em um cadeira, com as costas para a audiência}*